

# AUTOESTIMA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

MARLEIDE OLIVEIRA SILVA\*

ALCILENE LOPES DE AMORIM ANDRADE\*\*

## Resumo

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino gratuita amparada pela lei, voltada para pessoas que não ingressaram ou continuaram na escola na idade regular. O trabalho aqui proposto sobre autoestima na educação de jovens e adultos é relevante, pois uma característica frequente do aluno do EJA é sua baixa autoestima, muitas vezes reforçada pelas situações de fracasso escolar. Este estudo tem como objetivo analisar a importância da autoestima do aluno considerando que esta pode trazer consigo dificuldades de aprendizagem. A metodologia a ser utilizada para este trabalho é uma revisão de literatura.

**Palavras-chave:** autoestima, educação, aluno, aprendizagem.

## Abstract

The Youth and Adult Education (EJA ) is a free learning mode supported by law , aimed at people who have not joined or remained in school at the regular age. The work proposed here about self-esteem in youth and adult education is relevant, as a frequent feature of adult education student is their low self-esteem, often reinforced by situations of school failure. This study aims to analyze the importance of self-esteem of the student considering that this can bring learning disabilities. The methodology to be used for this work is a literature review.

**Keywords:** self-esteem , education, student learning.

## 1 Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino gratuito, amparada por lei e voltada para pessoas que, por alguma razão, não ingressaram ou continuaram na escola na idade regular. A trajetória da educação de jovens e adultos está ligada às transformações sociais, econômicas e políticas do Brasil.

O tema autoestima na Educação de Jovens e Adultos é relevante, pois uma característica frequente do aluno é sua baixa autoestima, muitas vezes reforçada pelas situações de fracasso escolar. Os sentimentos que orientam a atividade cotidiana, em geral, afetam o processo cognitivo do aluno. No

autoconceito de qualquer pessoa, os sentimentos não podem ser desconsiderados, uma vez que impedem o desenvolvimento adequado do sujeito.

O objetivo principal deste trabalho é analisar a importância da autoestima de jovens e adultos na EJA, visando compreender o porquê da baixa autoestima do aluno, considerando que esta pode trazer consigo dificuldades de aprendizagem. É de extrema importância que o professor seja um profundo conhecedor de uma metodologia pedagógica e de uma didática que o faça pensar sobre como elevar a autoestima do educando, tendo como objetivo fazê-lo compreender que todos possuem a capacidade de aprender.

Em atenção à justificativa e ao objetivo proposto, levantou-se a pergunta: Como contribuir para elevar a autoestima na educação de jovens e adultos?

O desenvolvimento do trabalho ocorreu a partir de uma análise literária sobre a autoestima do ponto de vista pedagógico e psicológico. Fez-se também uma análise do EJA e uma co-relação entre este tipo de educação e a auto estima.

## **2 Retrospectiva histórica da EJA**

A história da educação brasileira, a Educação de Jovens e Adultos (EJA), destaca-se de diferentes formas como referência de cada contexto histórico no Brasil. No entanto, a exclusão permanece, de maneira que se trata de uma prática política e econômica que perdura desde o período de colonização.

De acordo com Aranha (1996), os jesuítas, no começo, buscaram instruir nos princípios religiosos os adultos, mas não logrando sucesso agiram sobre as crianças com o objetivo de os tornarem cristãos e pacíficos. Entretanto, o trabalho de ler e escrever que os jesuítas faziam ficou restrito somente aos filhos dos colonos.

Os jesuítas constituíram escolas para que dessa forma pudessem conceber novos sacerdotes, igualmente instituía a alta sociedade intelectual, indiscutivelmente governando a fé e a moral da população. A educação desses filhos de colonos era rígida e a disciplina duramente cobrada, no intuito

de formar pessoas que professam a chamada fé pura católica. Dando início a formação de um povo alfabetizado.

Na década de 40, com o desejo de obter um governo popular, e, posteriormente, a Segunda Guerra Mundial, havendo no Brasil a necessidade de ter cidadãos que pudessem votar e dessa forma crescer as bases eleitorais de forma a promover uma estruturação do governo no Brasil. Mas para tanto era necessário à alfabetização da população, e de segundo com dados do IBGE, na década de 20, 64,9% da população eram analfabetos (MOURA, 2003).

A alfabetização inicial de adultos obtém um novo impulso e investimento. A educação de adultos legitima uma identidade, concebendo um conjunto de esforços para atingir um fim, uma campanha nacional de massas. A campanha de Educação de Adultos, iniciada em 1947, a qual antevia a alfabetização, capacitação profissional e desenvolvimento comunitário, esta abolida antes do final da década de 1950. (PIERRO, 2001).

Mais uma vez esse processo sofre uma nova intervenção, tendo início um plano de governo com vista a mudanças na alfabetização. Em janeiro de 64, é admitido o Plano Nacional de Alfabetização, descontinuado meses depois pelo golpe militar. A partir do golpe militar, a técnica alfabetizadora do educador pernambucano Paulo Freire, que apresentava um movimento educativo que não contestasse sua cultura, mas que ocorresse através do diálogo, por pretender o progresso analítico dos participantes, foi julgado como ameaçador e, por conseguinte, alterado para programas de alfabetização conservadores e assistencialistas. Ocorrendo um retorno a uma visão ditatorial e regressista, que impediria a verdadeira alfabetização conscientizadora da massa.

Em 1967, órgãos do Governo Federal autorizaram a criação do MOBREAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização (mais tarde em 1985 ganha o nome de Fundação Educar), que nasce do propósito de extirpar o analfabetismo e propiciar trabalhadores que pudessem beneficiar os interesses capitalistas do Estado (CORRÊA, 1979).

Esta alfabetização intencional de formação de mão de obra, não permite ao alfabetizando um real conhecimento instrutivo, mas apenas uma distinção de signos. A LDB 5692/71 que considerava o caráter supletivo da EJA, na qual

excluía as demais modalidades, não reconhecia os objetivos do MOBRAL quanto à profissionalização do indivíduo para o mercado de trabalho e a visão da leitura e escrita eram vistas somente como decifração de signos (BRASIL, 1971).

Mudanças significativas vão ocorrer, quando da criação de uma nova resolução mais clara quanto à modalidade educacional dos jovens e adultos. Com a nova LDB nº 9394/96, art. 37 e art. 38 é que passou a contemplar as inúmeras modalidades de educação de jovens e adultos.

Dentre algumas alterações pode-se citar a redução da idade mínima (15 anos para o ensino fundamental e de 18 anos para o ensino médio). Outra referência de suma importância para a EJA e o processo educacional foi a publicação da constituição de 1988, na qual o Estado passou a ter o dever de garantir a educação para todos aqueles que não tiveram acesso, independentemente da faixa etária.

Com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, que dedica os artigos 37 e 38 à EJA, ratificando assim o direito destes a um ensino básico adaptado às suas condições e o dever do Estado de oferecê-lo gratuitamente, na forma de cursos e exames supletivos, a EJA começa a definir caminhos como modalidade de ensino.

Em decorrência de conquistas na EJA, um grande marco nas políticas públicas foi as Diretrizes Curriculares Nacionais, para a EJA, através da Resolução nº 1/2000, na qual define a EJA como modalidade da Educação Básica e como direito do cidadão. O movimento da educação popular de 1950 e 1960 traz um referencial de práticas educativas, que deve ser discutido e considerado nas abordagens atuais da EJA (ARROYO, 2001).

Nesse ínterim, a Educação de Jovens e Adultos foi assinalada com os preceitos teóricos de Paulo Freire, na direção do ato de educar, admitindo, assim, que alfabetizar o adulto exige um trabalho distinto do que é praticado em crianças. Para educar é preciso mais que impor conhecimento, é necessário permitir ao educando que ele tem suas próprias ideias.

De acordo com Freire (1997, p. 38), “educador e educando devem interagir, criando-se novos métodos de aprendizagem”. A Educação deve ser constantemente uma educação pluricultural, uma educação que promova o conhecimento e a integração na diversidade cultural. Dada à importância das

ideias freireanas para a Educação de Adultos, apresentam-se a seguir algumas das suas contribuições.

### **3 Importância das ideias de Paulo Freire para EJA**

Grande filósofo e educador brasileiro Paulo Freire em conjunto com uma equipe de educadores, se empenhou em particular à Educação de Jovens e Adultos com a finalidade de gerar modificações sociais. Lutou por um ideal para mostrar que alfabetização é essencial e fundamental para o conhecimento em geral e principalmente para a própria pessoa, para que ela tenha compreensão do mundo e da importância que elas têm no mundo e que, através da leitura, podem ser participantes de sua transformação.

O conceito de Freire era que a escola tinha de habilitar o educando para que pudesse “ler o mundo”, unicamente assim, compreendendo a realidade do mundo e da cultura na qual está inserido, conseguiria correr atrás de benefícios para si.

Segundo Aranha:

ao longo das mais diversas experiências de Paulo Freire pelo mundo, o resultado sempre foi gratificante e muitas vezes comovente. O homem iletrado chega humilde e culpado, mas aos poucos descobre com orgulho que também é “fazedor de cultura” e, mais ainda, que a condição de inferioridade não se deve a incompetência sua, mas resulta de lhe ter sido roubada a humanidade. O método Paulo Freire pretende superar a dicotomia entre teoria prática: no processo, quando o homem descobre que sua prática supõe um saber, conclui que conhecer é interferir na realidade, daqueles que até então detém seu monopólio. Alfabetizar é, em última instância, ensinar o uso da palavra. (ARANHA, 1996, p. 209).

Os trabalhos de conscientização e de alfabetização eram realizados de acordo com o local escolhido. Assim que o local era escolhido, uma pesquisa era feita, por meio de entrevistas com os adultos que eram matriculados. As opiniões obtidas através de pesquisa a respeito da cultura local e dia a dia dos habitantes. Colhendo assim as ideias necessárias para iniciar o trabalho com os alunos (COLAVITTO, 2014).

Uma grande relação de palavras era conseguida no diálogo com os moradores e, através desse método obtinham-se as particularidades da linguagem usada naquele local. Assim, levando-se em consideração o

“vocabulário” do educando, que funcionaria como escolha das “palavras geradoras”, ou seja, elaborando signos específicos para cada comunidade. Trabalhando essas palavras, de modo a ocorrer o processo de ensino aprendizagem.

Um minucioso estudo e planejamento dessas “palavras geradoras” era executado, de forma a permitir que através delas se realizasse e se colocasse em prática atividades de alfabetização, por meio de sílabas e vogais, possibilitando que dessa maneira os alunos viessem a formar palavras novas. E de acordo se apresentassem as dificuldades e o método fosse se desenvolvendo, as dificuldades apresentadas seriam trabalhadas gradativamente.

No desenvolvimento da aprendizagem, surgiam “palavras geradoras” que eram trabalhadas. O que possibilitava aos educandos a vivência cultural dentro de um processo representativo que lhe era conhecido e assim permitindo-lhes a compreensão das palavras, sua interpretação e assimilação.

Nesse sentido, quando falamos “em adultos em processo de alfabetização” no contexto social brasileiro, nos referimos a homens e mulheres marcados por experiências de infância na qual não puderam permanecer na escola pela necessidade de trabalhar, por concepções que os afastavam da escola, como a de que “mulher não precisa aprender” ou “saber rudimentos de escrita já é suficiente”, ou ainda, pela seletividade construída intimamente na rede escolar que produz ainda hoje itinerários descontínuos de aprendizagem formais. Referimo-nos a homens e mulheres que viveram e vivem situações limite nas quais os tempos de infância foi, via de regra, de trabalho e de sustento da família. (MOOL, 2004, p. 11).

Paulo Freire elaborou uma orientação de alfabetização de jovens e adultos, clarificadora na qual o princípio básico era de: a leitura do mundo precede a leitura da palavra. O método foi usado por ele primeiro em Angicos e depois em São Paulo, onde ele colheu palavras do vocabulário do participante previamente, para então a partir dessas palavras formadoras iniciar o processo de ensino, um processo de conscientização e compreensão do mundo por parte do alfabetizando.

Freire descreve que:

na sua relação com o mundo os sujeitos oprimidos quase sempre não se percebem como quem “conhece”, como quem tem um conhecimento, ainda que este seja no nível da pura doxa, descrendo de si mesmo, assumindo assim uma característica de autodesvalia. Os sujeitos “têm uma crença difusa, mágica, na invulnerabilidade do opressor. (...) Até o momento em que os oprimidos não tomem

consciência das razões de seu estado de opressão 'aceitam' fatalisticamente a sua exploração" (FREIRE, 1997, p. 50-1).

Dentro dessa visão fica claro que o problema do alfabetizando é que sua realidade é construída a partir das práticas excludente da sociedade e não porque faltou-lhe vontade na prática da busca pelo conhecimento. O que acaba gerando um sentimento de desvalia e uma autoestima prejudicada. Autoestima Sendo a autoestima uma face do autoconceito, faz-se necessário em um primeiro momento o conhecimento desse conceito e seus constituintes, com vista à compreensão da autoestima.

#### **4 Autoestima**

O autoconceito é formado segundo Medeiros (2012), a partir da “infância”, por “fatores externos” que advém do contato direto com o ambiente e pessoas, e “fatores internos da vida do sujeito” suas crenças a respeito de si.

Definido ainda por Serra (1988, p.101) como a “percepção que o indivíduo tem de si próprio e o conceito que, devido a isso, forma de si”. Portanto um autoconceito mal formado gera insegurança e baixa autoestima. Entretanto o autoconceito tem uma especificidade que abarca uma definição entre o real e o ideal. Pois na visão de Cardoso (2012) o indivíduo se analisa a partir de uma base conceitual real de si e outra ideal, ou seja, aquilo que ele apreciaria ser.

Dentro desse construto do real e o ideal existe a autoestima, que atua diretamente na prática das atividades diárias do indivíduo enquanto ser social, principalmente por esse ato envolver afeto e contato corporal.

Por isso tornou-se um assunto de crescente interesse, devido à importância do fato de o indivíduo construir sua autoestima a partir da “avaliação de seus erros e acertos”, vivenciando então sua vida diária fundamentada nesse preceito (MEDEIROS, 2012, p.126).

E partindo desse princípio de avaliação com base naquilo que realiza, julgando as suas ações, e, com isto estabelecendo um conceito sobre si, é que o indivíduo forma sua autoestima, conforme discorre Santana:

De todos os julgamentos que fazemos, nenhum é tão importante e tão difícil quanto julgarmos a nós mesmos. Desse julgamento

provém a autoestima. Ela pode ser alta ou baixa dependendo do nosso conceito, do meio que nos cerca e dos nossos sentimentos em relação a ela (2012, p.3).

Compactuando com a ideia da autoestima se formar a partir daquilo que o indivíduo pensa sobre si, e como essa crença se estabelece; é que Brandão explicita esse conceito desta forma:

Autoestima é a confiança na capacidade de pensar, na habilidade de se dar conta dos desafios básicos da vida e no direito de vencer e ser feliz, nas suas aspirações, nos seus sonhos, que influenciados pela motivação e um auto conceito positivo fazem com que [...] melhore sua capacidade de aprendizagem devendo ter como primordial estar integrada aos currículos escolares tornando o aluno um ser pensante e criativo que nutra o desenvolvimento de sua autoestima (1991, p.56)

O sentir-se bem consigo e a capacidade de acreditar em si, são fatores primordiais para que o indivíduo tenha um sentimento de valor que o possibilite gostar ou não de si. Possibilitando um valor de julgamento a partir da “avaliação daquilo que sabemos a nosso respeito: gosto de ser assim ou não?” (MOYSÈS, 2007, p.18).

Esse valor de julgamento é determinante para o acreditar em si do indivíduo. Dentro dessa perspectiva de acreditar em si é que se estabelece uma das circunstâncias para adquirir a satisfação consigo e com os outros, a autoestima (KROTH, 2009).

O que irá permitir ao indivíduo ter um relacionamento adequado com o seu meio social e suas escolhas situacionais, definindo sua autoestima.

#### **4.1 A autoestima dos alunos da EJA**

Principiar-se-á acerca da autoestima desses alunos por uma fala muito pertinente do Rogers (1977), que diz que para o aluno aprender são necessárias três condições fundamentais: a empatia que irá permitir ao professor depreender o envolvimento do educando e assim fazer com que ele se perceba entendido; a aceitação incondicional do educando, que fará com que o mesmo se sinta aceito sem julgamentos; e por fim ser autêntico, possibilitando ao educando a percepção de ser aceito como é.

Sentir-se aceito na sua condição de estar voltando a sala de aula depois de muito tempo, quer seja na juventude ou na vida adulta, expõe uma condição de fracasso e falta de sucesso que pode por si só, ser desestimulante para o



aluno da EJA, que se percebe desacreditado pela sociedade. Tendo em vista que:

a sua eventual passagem pela escola, muitas vezes, foi marcada pela exclusão e/ou pelo insucesso escolar. Com um desempenho pedagógico anterior comprometido, esse aluno volta à sala de aula revelando uma autoimagem fragilizada, expressando sentimentos de insegurança e de desvalorização pessoal frente aos novos desafios que se impõem. (BRASIL, 2006, p.16).

Essa condição fragilizada do aluno da EJA pode ser mudada pelo professor; através, primeiramente da aceitação irrestrita do educando, pois dessa forma estabelece um estratagema que possibilite uma mudança interior, como maneira de atender as exigências no novo ambiente no qual está se inserindo sem, contudo sentir-se desaprovado pelo meio (LIBÂNEO, 1990).

Assim o professor muda a situação do aluno ao oferecer-lhe um ambiente que o estimule a aprender e a se desenvolver, acreditando em si mesmo.

## **4.2 Estratégias para melhorar a autoestima**

Perceber o assunto da autoestima dentro do sistema educacional para a EJA é voltar-se para o indivíduo que busca um conhecimento que se firma através do sentir-se bem consigo mesmo. E partindo da premissa que a atividade educacional deve ser precedida pela emoção, ou seja, precisa despertar um sentimento que motive o aluno a aprender.

Cunha (2008), descreve esse sentimento como responsável pelo educando apoderar-se daquilo que lhe é ensinado na sala de aula, e, depois evocar esse conhecimento que foi estabelecido através dessa afetividade. Por isso, é de primordial importância para estes alunos que os mesmos obtenham a possibilidade de aprendizado dentro daquilo que lhe é de interesse, pois a emoção fará com que esse aprendizado seja satisfatório.

Segundo Alves, “as atividades oferecidas aos alunos da EJA devem dirigir-se aos interesses e possibilidades de cada um, a fim de que os momentos vividos durante as atividades sejam de prazer, havendo assim um bom retorno em relação a sua auto-estima” (ALVES, 2012, p. 3). Corroborando com a ideia de o aluno precisar de atividades pedagógicas nas quais se sintam realizados, a Rogers (1976), tipifica que os estudantes adultos frequentam a

sala de aula em busca de vivenciarem na prática, um modo de se perceber capaz em algo.

Nessa situação é de praxe que a autoestima seja trabalhada, de forma a conceder ao aluno prazer e estímulo nessa volta à sala de aula. Bem como ser utilizado o conhecimento que trazem consigo, a sua bagagem de vida.

Diante disso, percebem que se faz necessário os conhecimentos trazidos pelos alunos da EJA, pois esses conhecimentos já adquiridos no decorrer da vida são de grande valia para seu desenvolvimento pedagógico. A autoestima deve ser trabalhada diariamente em sala, é de fundamental importância para a permanência destes alunos que, timidamente, retornam aos bancos escolares, com a garra e a vontade de se formarem para “ser alguém na vida”. Pois o fracasso escolar está intimamente ligado à desmotivação, por parte dos alunos, no que se refere à continuidade dos estudos. (ALVES, 2012, p.3).

Perfilando essa ideia é que Prandini (2004) traz o contexto de que o aluno enquanto aprendiz tem sua autoestima ligada diretamente ao que sente em relação aquilo que lhe está sendo ensinado.

Daí a necessidade de trabalhar a sua autoestima possibilitando a ele não somente adquirir o conhecimento, mas entender que o adquiriu ter orgulho de tê-lo adquirido e estar pronto para continuar na busca desse aprendizado. A transformação da sala de aula na prática das atividades pedagógicas favorece o resgate da autoestima desses alunos, pois oportuniza o seu desenvolvimento enquanto cidadão de direitos. Tendo em vista que a autoestima:

é elemento fundamental às condições de aprendizagem, á construção do humor saudável. Para construir um bom nível de autoestima, será necessário estar atento à sintonia. É pela sintonia que passamos as informações de compreensão. É preciso empatia, bastante calma e receptividade para com os sutis sinais de sentimento de outra pessoa. (SANTANA, 2012, p.3).

Quando o aluno se sente valorizado a sua permanência na sala de aula e a sua busca do conhecimento torna-se mais prazerosa, e, com isto o aprendizado se concretiza.

## **5 Considerações finais**

Após investigar todas as informações coletadas foi possível analisar o quanto a autoestima influencia no processo escolar dos alunos, e o quanto a intervenção do educador e seu processo pedagógico/didático podem contribuir para que o aluno permaneça nesse processo de alfabetização. Pois de acordo com Luckesi (2002, p.51) “A escola deve ter o papel de estimular, incentivar o

avanço do aluno, não criar um cidadão com medo, baixa autoestima, pois os momentos de tensão e ansiedade a que os educandos são submetidos contribui muito para que isso aconteça.”

Quando o aluno sente-se discriminado no seu saber, o desestímulo impede o seu desenvolvimento escolar, entretanto, quando ele é valorizado e o seu convívio na sala de aula e no grupo é incentivado em uma prática pedagógica voltada para o seu conhecimento e desenvolvimento cognitivo sua autoestima cresce e ele se sente incentivado para aprender mais devido ao seu sucesso escolar.

## Referências

ALVES, Rosicley Aparecida Roque. A importância da auto-estima na educação de jovens e adultos. 2014 Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-da-autoestima-na-educacao-de-jovens-e-adultos/125185/#ixzz3bwMAZ1wy> Acesso em: 20 maio 2015

ARANHA, Maria Lúcia de A. A história da educação. São Paulo: Moderna, 1996. ARROYO, Miguel. A educação de jovens e adultos em tempo de exclusão. Revista de Educação de Jovens e Adultos. 2001, n. 11, pp. 09 - 20. ISSN 1518 - 7551.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Auto-estima na escola: vivências e reflexões com educadores. São Paulo: Brasiliense, 7ª edição, 1991. BRASIL. Coleção trabalhando com a educação de jovens e adultos, vol. 1, 2006.

\_\_\_\_\_. Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional. Nº 9.394 de dezembro de 1996.

\_\_\_\_\_. Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional. Nº 7.692 de agosto de 1971.

\_\_\_\_\_. Parecer CNE/CEB nº 11 de 10 maio de 2000. CARDOSO, Marielle da Silva. Autoestima e aprendizagem na educação de jovens e adultos. 2012. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/autoestima-e-aprendizagem-na-educacaode-jovens-e-adultos/97095/#ixzz3bxneujen> Acesso em: 29 maio 2015

COLAVITTO, Nathalia Bedran. Educação de Jovens e Adultos (eja): A Importância da Alfabetização. Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 5 – nº 1 - 2014

CORRÊA, Arlindo Lopes. Educação de massa e ação comunitária. Rio de Janeiro: AGGS/MOBRAL, 1979.

CUNHA, Eugênio. Afeto e aprendizagem. Rio de Janeiro: Wak, 2008. FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1997.

KROTH, Lídia Maria. Repetência e autoestima. São Paulo: 2009. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=1197> Acesso dia 25 abr.2015.

LIBÂNEO, José Carlos. A democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. 19ª ed. São Paulo: Loyola, 1990.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2003. 180 p.

MEDEIROS, Michelle K. M. R. A autoestima de alunos do programa de Educação de Jovens e Adultos. Revista Movimenta ISSN: 1984-4298. Vol. 5 n 1 (2012). Disponível em: [www.nee.ueg.br/seer/index.php/movimenta/article/viewFile/589/428](http://www.nee.ueg.br/seer/index.php/movimenta/article/viewFile/589/428). Acesso em: 05 maio 2015.

MOLL, Jaqueline. Educação de Jovens e Adultos / Jaqueline Moll, (org.) IN. Maria Lopes Sant'Anna ...[et. al.]- Porto Alegre: mediação, 2004. 144 p. – (Série Projetos e Práticas Pedagógicas)

MOYSÉS, Lucia. A autoestima se constrói passo a passo. São Paulo: Papyrus, 2007. MOURA, M. da G. C. Educação de jovens e adultos: um olhar sobre sua trajetória histórica. Curitiba: Educarte, 2003.

PRANDINI, R.C.A.R.A. A constituição da pessoa: integração funcional. IN Mahoney, A. A. e Almeida, L. R. (Orgs.) A constituição da pessoa na proposta de Henry Wallon. São Paulo: Ed. Loyola, 2004. PIERRO, M. Clara Di; JOIA, Orlando; RIBEIRO, V. M. Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. 2001. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010132622001000300005&script=sci\\_artt\\_ext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010132622001000300005&script=sci_artt_ext). Acesso em: 15 abr. 2015

ROGERS, Carl. Liberdade para aprender. 4. ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

ROGERS, Jennifer – Ensino de Adultos. Lisboa: Martins Fontes Ltda, 1976.

SANTANA, Sandra Pinheiro de. Os problemas de aprendizagem e a baixa autoestima do aluno. 2012 SERRA, Adriano Vaz. O auto-conceito, 1988. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.12/2204> Acesso em 20 maio 2015